

# Cai diferença salarial entre os sexos

No Brasil, de 1992 a 1999, renda real das mulheres cresceu 50%, contra 32% dos homens

Editoria de Arte

Flávia Oliveira, Flávia Barbosa e Solange Henriques

• RIO e SÃO PAULO. Se nos anos 80 as mulheres consolidaram sua entrada no mercado de trabalho, a década passada caracterizou-se pela redução do abismo salarial entre os sexos. Em 1992, as trabalhadoras brasileiras ganhavam 46% menos que os homens: R\$ 216 contra R\$ 406 por mês. Sete anos depois (último dado disponível), a diferença estava em 39%: R\$ 324 contra R\$ 534.

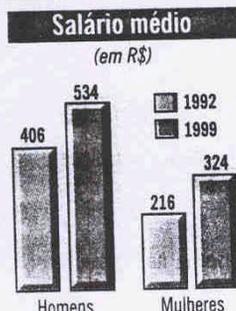
O hiato ainda é grande, mas as mulheres conseguiram reduzir a distância porque obtiveram ganho de renda superior ao dos homens. Enquanto a renda feminina, de 92 a 99, aumentou 50% em termos reais, a masculina avançou 32%, revela Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas, com base em dados do IBGE.

## Mulheres ganham menos, embora estudem mais

— Essa distância tende a ser cada vez menor, porque as mulheres têm escolaridade superior. Elas estão estrategicamente posicionadas para atuar num mercado que privilegia a educação — diz Neri.

A tendência é positiva, mas

## Os números da desigualdade

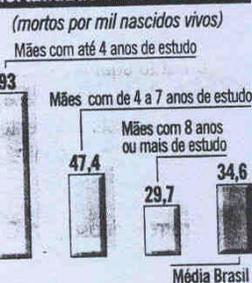


FONTE: Pnad/99, com elaboração da FGV

**Participação entre os ocupados**

SEGMENTO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Empregadores	5,38%	2,21%	4,09%
Conta própria	28,05%	16,25%	23,24%
Servidores	8,84%	15,66%	11,62%
Com carteira	27,29%	20,63%	24,57%
Sem carteira	13,42%	7,76%	11,11%
Agricultores	9,68%	1,89%	6,5%
Domésticos	0,86%	17,48%	7,64%
Não remunerados	6,47%	18,12%	11,23%

## Mortalidade entre 0 e 5 anos



FONTE: IBGE

a desigualdade ainda é imensa. Hoje, as mulheres ganham menos, apesar de terem, em média, 7,3 anos de estudo, contra 6,6 anos dos homens. Além disso, a ocupação feminina se concentra em postos de trabalho de pior qualidade. Entre os homens, 27% têm emprego com carteira assinada — entre as mulheres, a proporção é de 20%. Nada menos que 17% delas trabalham como empregadas domésticas e apenas 2% são empresárias.

As diferenças, segundo o presidente do IBGE, Sérgio Besserman, resultarão em grandes transformações nos próximos anos. Isso porque a

participação feminina no mercado de trabalho cresce muito rapidamente:

— Isso produzirá uma tensão social cada vez maior. Quanto mais presentes e mais preparadas forem as mulheres, mais as desigualdades em relação aos homens serão inaceitáveis.

Na Região Metropolitana de São Paulo, segundo dados divulgados ontem pela Fundação Seade-Dieese, a participação feminina no mercado de trabalho aumentou 14% de 1991 a 2000, contra queda de 5% na masculina. As mulheres, que em 1999 ganhavam 88,2% do salário dos homens, no ano

passado passaram a receber 90,9%. Mas o desemprego caiu mais entre os homens.

O avanço feminino traz ainda dividendos sociais. Quanto maior a escolaridade das mães, menor o índice de mortalidade infantil, segundo o IBGE. O número de crianças mortas de zero a 5 anos para cada mil nascidas vivas chega a 93 para mães com menos de quatro anos de estudo, e cai para 29,7 entre as que estudaram mais de oito anos — abaixo, portanto, da média brasileira (34,6). No Nordeste, a mortalidade de crianças cujas mães têm menos de quatro anos de estudo alcança 125 por mil. ■